

6/9/58

RUBEM BRAGA

6/9/58

## UM POETA

**M**AIS três livros de crônicas: «Cem crônicas escolhidas», de Raquel de Queirós, «Encontro no Aeroporto», de Henrique Pongetti, e «A Cidade Vazia», de Fernando Sabino. O primeiro é uma seleção de tudo o que de melhor Raquel escreveu no gênero até hoje; o segundo é de escritos de viagem pela Europa e Estados Unidos; o terceiro é de crônicas de New York, exatamente a cidade mais cheia de gente que existe no mundo. Também podemos incluir no gênero o último volume das memórias de Gilberto Amado, que é crônica dos tempos idos, e o livro de viagens pela China de Maria Martins.

Mas todos vão me dar licença porque estou lendo é «Surdina do Contemplado», de Dora Vasconcelos. No pre-tácio Gilberto Amado escreve esta coisa profundamente gilbertiana: «No meio do mar, no camarote, abri o rôlo de tiras dactilografadas. «Oh, Senhor!». Logo às primeiras páginas me achei diante não da «poetisa» que eu temia encontrar, mas de um poeta autêntico, de um vigor de árvore nova tôda frondosa de ramos frescos, apendoada de corimbos, efflorescente de corolas. «Oh, Senhor!», clamei de novo para mim mesmo. Deitado que estava, saltei da cama, escancarei a janela da cabina e comecei a ler para mim • para o oceano o que Dora escrevera».

E se refere assim a Dora — «essa Viking do Brasil, alta, linheira e pura», para concluir que ela «é um poeta maduro».

De quem vos darei de afostra estas duas quadras de um poema:

«Pelas ruas caminhei  
sempre com o mesmo vestido  
eu não pude ir ao ballet  
mas amor eu tive.  
Viajei em muito bonde,  
apertada entre dois gordos.  
Eu me acordava às cinco horas  
mas amor eu tive».

E terminarei, já que hoje estou preferindo citar a escrever (o que, para o leitor, é lucro só) com um poeminha inteiro, chamado «Noite Clara»:

«Tanta lua pelo rio  
tanta luz e tão profusa  
a hora é sonora e fria  
tomó a roca e o parafuso.  
E peço a essa noite clara  
de teto claustral e fundo  
que não me deixe seguir  
tão rara por este mundo.  
Que me reserve um recanto  
onde eu sem valentia  
possa deitar em penumbra  
a minha melancolia».